

**Ministério de Minas e Energia
Assessoria de Comunicação Social – ASCOM**

Destaque: (em negrito) Matérias que citam o Ministro Bento Albuquerque ou o MME:

Sumário

VEÍCULO: Valor Econômico.....	2
Título: Petrobras amplia testes em embarque para as plataformas	2
Título: Estatal mantém exportação em crescimento	3
Título: Venda de contratos derruba cotação do WTI.....	5
Título: Chevron doa R\$ 1 milhão para hospital.....	8
Título: Curtas	8
Título: Resultado da Vale será afetado por produção menor.....	9
Título: Curtas	10
Título: B3 defende direito a voto de acionistas do Nível 2	11
Título: Usinas devem ter crédito para estocar etanol	12
Título: Vale se mostra mais resiliente entre papéis ligados a minério de ferro	14
Título: Distribuidoras de energia reforçam interação digital	15
VEÍCULO: O Estado de S. Paulo	17
Título: Urânio, terras raras e radioisótopos.....	17
Título: 41%.....	19

VEÍCULO: Valor Econômico**Data: 28/04/2020****Seção: Empresas****Autor: Rodrigo Polito e André Ramalho — Do Rio****Título: Petrobras amplia testes em embarque para as plataformas**

A Petrobras intensificou a realização de testes rápidos de infecção para trabalhadores que vão embarcar em unidades de exploração e produção em alto-mar. De acordo com a companhia, a triagem começou na última semana no aeroporto de Jacarepaguá (RJ) e foi expandida para os aeroportos de Vitória (ES), Macaé (RJ), Farol de São Tomé (RJ) e Cabo Frio (RJ). A companhia ainda pretende adotar a medida para os voos para a província petrolífera de Urucu (AM).

Segundo a estatal, os exames rápidos permitem identificar pessoas que possam estar com infecção ativa há alguns dias, porém sem manifestação de sintomas, assim como aquelas que tenham tido uma infecção assintomática no passado. Desde o início do mês, a estatal também utiliza outro tipo de teste nos funcionários que apresentam os sintomas da covid-19.

A realização dos testes é considerada crucial pelo Instituto Brasileiro do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (IBP) para mitigar os riscos de infecção e contágio nas plataformas petrolíferas e, ao mesmo tempo, assegurar a exploração e produção de óleo e gás no país. “Desde o primeiro momento, para as operadoras e o IBP, estava muito claro que a principal recomendação da OMS [Organização Mundial de Saúde] era ampliar a capacidade de teste da população, notadamente daqueles envolvidos na prestação de serviços essenciais”, disse a presidente da entidade, Clarissa Lins, em recente entrevista ao **Valor**.

Segundo dados mais atuais da Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP), relativos ao último domingo, há 555 casos confirmados de covid-19 em empresas que executam atividades de E&P no Brasil. Desses, 230 profissionais acessaram instalações marítimas. Ainda segundo a autarquia, existem 1.311 casos suspeitos nessas empresas. E não há registro de mortes por covid-19 entre profissionais da área de E&P.

Os primeiros casos de infecção em embarcações foram em um navio-plataforma (FPSO) da SBM Offshore e em outro da Modec, ambos afretados pela Petrobras. Nos dois casos, as prestadoras de serviço estão assegurando o tratamento médico aos infectados e seguindo os protocolos recomendados pelas autoridades sanitárias.

Segundo a Federação Única dos Petroleiros (FUP), porém, há indícios de casos em mais sete plataformas: P-50, P-26, P-18, P-35, P-20, P-33 e P-62. O Sindicato dos Petroleiros do Litoral Paulista (Sindipetro-LP), ligado à Federação Nacional dos Petroleiros (FNP) havia registrado casos suspeitos nas plataformas de Mexilhão e na P-69.

Procurada pelo **Valor**, a Petrobras disse não divulgar informações sobre os casos, para preservar a privacidade e o sigilo médico dos infectados. A empresa, porém, relatou que, até a última sexta-feira, contabilizava 184 casos confirmados em toda a sua força de trabalho, de 46,4 mil funcionários.

A norueguesa Equinor também contou ao **Valor** ter confirmado 44 casos de covid-19 na Unidade de Manutenção e Segurança (UMS) Olympia, ligada ao campo de Peregrino, na Bacia de Campos. “Todos os casos confirmados desembarcaram”, informou a Equinor. “Não há casos nas outras instalações de Peregrino”.

A petroleira acrescentou que tem adotado um conjunto de medidas preventivas para evitar a contaminação no mar. Na mesma linha, a francesa Total informou estar priorizando a saúde e a segurança de seus funcionários próprios e terceirizados e que as operações offshore da empresa “seguem em andamento, em conformidade com as recomendações das autoridades locais”.

A anglo-holandesa Shell informou não ter casos confirmados em suas instalações de E&P no Brasil. Segundo a empresa, as duas plataformas que ela opera na Bacia de Campos estão funcionando normalmente, “com medidas sanitárias adicionais para garantir a segurança de seus tripulantes”.

VEÍCULO: Valor Econômico

Data: 28/04/2020

Seção: Empresas

Autor: André Ramalho e Rodrigo Polito — Do Rio

Título: Estatal mantém exportação em crescimento

A Petrobras acredita que o impacto da queda da demanda global por petróleo sobre o seu volume de produção será menor do que o inicialmente esperado. No começo de abril, frente às perspectivas negativas do mercado, a companhia anunciou um corte de 200 mil barris/dia e estabeleceu em 2,07 milhões de barris/dia a sua produção para o mês. A estatal informou ontem, no entanto, que optou pelo retorno gradual de sua operação para um patamar de 2,26 milhões de barris/dia.

A empresa convive com uma contração do mercado interno, mas, ao mesmo tempo, vem conseguindo manter as exportações em níveis elevados. Mesmo

diante da crise econômica na China, sua principal parceira comercial, a Petrobras conseguiu aumentar em 19,1% as suas exportações de petróleo e derivados no primeiro trimestre, na comparação com o quarto trimestre de 2019. Os embarques totalizaram, na média, 1,031 milhão de barris diários entre janeiro e março, o que representa um salto de 56,2% frente a igual período do ano passado.

Em fevereiro, a companhia bateu recorde de exportação líquida de petróleo: 896 mil barris/dia. No trimestre, a média foi de 806 mil barris diários, o que representa uma alta de 24,6% em relação ao quarto trimestre e de 63,2% ante o primeiro trimestre do ano passado. Os embarques de óleo combustível também atingiram níveis históricos em fevereiro: 238 mil barris diários. No primeiro trimestre, foram vendidos para outros países, na média, 174 mil barris/dia do derivado, um crescimento de 11,5% ante o último trimestre de 2019 e de 50% na comparação com os três primeiros meses do ano passado.

Segundo a Petrobras, a partir de abril, com a queda da demanda no mercado interno, a companhia tem direcionado seus esforços para o mercado externo e, para tanto, está adotando uma série de ações logísticas para expansão da capacidade de exportação. A petroleira destaca que tanto o óleo do pré-sal quanto o bunker (óleo combustível marítimo) produzido pela empresa, ambos com baixo teor de enxofre, têm se mantido valorizados no mercado internacional.

“Embora haja queda na demanda global, o diferencial competitivo dos nossos produtos, a retomada gradual da China, forte parceiro comercial, e a constante busca por novos mercados para nossos produtos, trazem a expectativa de que continuaremos tendo uma boa performance em nossas exportações”, esclarece a empresa, no relatório de produção e vendas do primeiro trimestre, divulgado ontem.

A empresa destaca que a “drástica contração da demanda global de petróleo” é estimada entre 25 milhões e 30 milhões de barris/dia no segundo trimestre.

As exportações de petróleo já equivalem a um terço da produção da companhia no Brasil, que no primeiro trimestre totalizou 2,320 milhões de barris diários - um volume 17,7% maior do que o registrado em igual período de 2019, mas que representa uma queda de 3,1% na comparação com os últimos três meses do ano passado. A produção de óleo e gás, por sua vez, totalizou 2,909 milhões de barris diários de óleo equivalente (BOE/dia) - alta de 14,6% em relação aos três primeiros meses de 2019 e uma queda de 3,8%, ante o quarto trimestre.

Em relatório sobre o desempenho da produção no primeiro trimestre, a companhia reafirmou a decisão de hibernar 62 plataformas em campos de

águas rasas que estão à venda. Esses ativos representam uma redução na produção de 23 mil barris diários.

Como resultado da pandemia da covid-19, a empresa também optou por rever o cronograma de paradas para manutenção no segundo trimestre, de forma a manter o contingente mínimo necessário de pessoas embarcadas. O plano, agora, é realizar as paradas no segundo semestre, mantendo a previsão de impacto de 200 mil barris/dia na produção do ano.

VEÍCULO: Valor Econômico

Data: 28/04/2020

Seção: Empresas

Autor: Harry Dempsey, Philip Stafford e David Sheppard — Financial Times, de Londres

Título: Venda de contratos derruba cotação do WTI

Os preços do petróleo caíram acentuadamente ontem depois que o maior fundo negociado em bolsa (ETF, nas iniciais em inglês) referenciado em petróleo começou a se desvencilhar de todos os seus contratos de curto prazo, movido por temores de mais uma queda vertical do produto, para território negativo.

O petróleo tipo West Texas Intermediate (WTI), o referencial americano do preço do petróleo, caiu para menos de zero na semana passada pela primeira vez, em reação à queda vertical da demanda mundial por combustível desencadeada pela covid-19.

O preço internacional do petróleo tipo Brent caiu menos e fechou a US\$ 19,99 o barril ontem, recuo de 6,76%

O referencial se recuperou desde a retração da semana passada, quando os vendedores estavam pagando aos compradores para tirarem petróleo de suas mãos, e retornou ao território positivo.

Mas voltou a cair significativamente ontem, quando o United States Oil Fund (USO, nas iniciais em inglês), o maior ETF de petróleo, disse que venderia todos os seus contratos futuros de petróleo para entrega em junho - 20% de sua carteira de US\$ 3,6 bilhões - num período de quatro dias. O WTI fechou com queda de 24,75%, a US\$ 12,78 o barril, após a prestação de contas encaminhada pelo fundo ao órgão regulador.

A queda mais recente chama a atenção para o grau pelo qual as transações especulativas são capazes de desestruturar um mercado de petróleo cada vez

mais frágil num período em que a demanda pela commodity abundante está tão deprimida.

Os contratos futuros de petróleo não são negociados como ações porque eles expiram a cada mês, na medida em que os compradores recebem a entrega física do petróleo bruto. A queda vertical da semana passada, para preços negativos, ocorreu um dia antes da expiração do contrato de WTI para entrega em maio, com o contrato para entrega em junho sendo agora o mais intensamente negociado.

“Ao vender contratos futuros com vencimento mais breve e ao investir em contratos com vencimento mais longo, eles estão pressionando o contrato de primeira posição do WTI”, disse o analista de commodities Giovanni Staunovo, do UBS.

O USO disse ter tomado a medida devido à “evolução do mercado, dos níveis de confiabilidade regulatórios e dos limites às posições que estavam sendo impostos ao USO com relação aos contratos futuros de petróleo”.

Sua iniciativa reflete as crescentes preocupações dos órgãos reguladores e do CME Group, a bolsa de contratos futuros, sobre a magnitude das posições do USO nos contratos futuros referenciais. Há o risco de que uma queda para níveis inferiores a zero transformar em pó os recursos dos investidores.

O CME impôs limites ao volume de contratos para entrega em junho que o USO pode deter, e também para entrega nos meses seguintes. Por duas vezes neste mês, orientou o USO a não ultrapassar “os níveis confiáveis” em alguns tipos de contratos futuros de petróleo.

Na semana passada a CME disse que o USO não poderia assumir uma posição comprada de mais de 15 mil contratos para entrega em junho, de mais de 78 mil para entrega em julho, 50 mil para entrega em agosto e 35 mil para entrega em setembro. O fundo tinha 150 mil contratos para entrega em junho antes de ontem. O CME preferiu não comentar de forma mais detalhada.

A falta significativa de espaço de armazenagem disponível de petróleo em Cushing, no Estado de Oklahoma - central de armazenagem fundamental de tanques de petróleo do óleo de xisto americano - exerceu pressão especialmente forte sobre os preços do petróleo americano. Com pouco espaço para estocar petróleo, os compradores potenciais não veem com bons olhos a aquisição de um volume da commodity superior ao que necessitam.

Mas a pressão baixista sobre os preços está clara no mundo inteiro. O preço internacional do petróleo tipo Brent, menos limitado por problemas de armazenagem, fechou a US\$ 19,99 o barril ontem, num recuo de 6,76%. A ICE Futures Europe, que opera o contrato referencial do Brent, preferiu não comentar.

Alguns analistas disseram que fazer restrições às transações de contratos futuros de curto prazo pouco contribuirá para reduzir a turbulência nos mercados de petróleo bruto americanos. “A restrição das operadoras às transações no universo extremamente arriscado dos contratos futuros de petróleo tenderá a reduzir a liquidez, e a potencialmente aumentar a volatilidade”, disse Paul Sankey, diretor-executivo da Mizuho Securities.

Sem cortes significativos aos volumes de produção para atenuar o congestionamento dos polos de armazenagem, alguns temem desestruturação duradoura nesse mercado, em termos mundiais.

A produção de petróleo já começou a ceder devido à queda dos preços. As empresas cortaram 60 plataformas de petróleo em operação na semana encerrada no dia 24, o que reduziu seu total a 378, o número mais baixo desde julho de 2016, de acordo com relatório divulgado regularmente pela empresa de serviços energéticos Baker Hughes, na sexta-feira.

Informações dão conta de que a Arábia Saudita também está reduzindo a produção, antes dos cortes pactuados pela Organização dos Países Produtores de Petróleo (Opep) e os demais produtores, que entram em vigor no dia 1º de maio.

Analistas disseram que os cortes não são suficientes para cobrir a lacuna deixada pelo enorme baque sofrido pelo consumo de petróleo decorrente de medidas destinadas a evitar a propagação da covid-19. As tradings da commodity dizem que a demanda poderá cair nada menos que 30%, na medida em que muitas economias efetivamente deixaram, na prática, de operar.

“O mercado de petróleo continua fortemente superabastecido”, disse Staunovo. “Há mais relatos de aumento de estoques. Com isso, mais lugares estão ficando sem espaço de armazenamento, portanto temos de ver redução dos limites de produção.”

VEÍCULO: Valor Econômico**Data: 28/04/2020****Seção: Empresas****Autor: Rodrigo Polito — Do Rio****Título: Chevron doa R\$ 1 milhão para hospital**

A Chevron Brasil doou R\$ 1 milhão para a construção do hospital de campanha na Gávea, na zona Sul do Rio de Janeiro, inaugurado no último sábado. A contribuição da petroleira foi feita por meio do Instituto Brasileiro do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (IBP).

A companhia também adquiriu mais de 5 mil aventais médicos descartáveis no valor de R\$ 32,5 mil que serão doados para atender ao aumento da demanda do Instituto de Puericultura e Pediatria Martagão Gesteira, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IPPMG/UFRJ), que não vem recebendo a quantidade necessária em função da pandemia.

Em uma ação voluntária promovida pela empresa, o hospital pediátrico também vai receber 1.800 kits de higiene pessoal para distribuir para mães e pais acompanhantes de crianças internadas. Os voluntários arrecadaram R\$ 9 mil para a compra dos kits que incluem sabonetes, pasta de dentes e escova de dentes - itens que geralmente são doados ao hospital, mas devido ao isolamento social imposto pela pandemia, não estão chegando ao instituto.

A empresa dobrou o total arrecadado, doando o mesmo valor - R\$ 9 mil - para a ação de voluntariado, sendo que os recursos serão destinados para a aquisição de máscaras e aventais médicos descartáveis para o hospital.

VEÍCULO: Valor Econômico**Data: 28/04/2020****Seção: Empresas****Autor:****Título: Curtas**

Porto do Açu

A Gás Natural Açu, joint venture formada pela Prumo Logística, a BP e a Siemens, destinará cerca de R\$ 2,8 milhões ao combate à covid-19, informou a empresa. Ao lado da Prumo, todas as empresas localizadas no Porto do Açu adotaram iniciativas de apoio no norte fluminense. Foram adquiridos 90 mil equipamentos de proteção individual (EPIs) para doação a profissionais da

saúde da região, além da recuperação de respiradores mecânicos de hospitais e doação de insumos para produção de cinco mil máscaras tipo “face shield”.

VEÍCULO: Valor Econômico

Data: 28/04/2020

Seção: Empresas

Autor: Rafael Rosas — Do Rio

Título: Resultado da Vale será afetado por produção menor

A queda dos volumes produzidos e embarcados de minério de ferro pela Vale deverá afetar negativamente os resultados da companhia no primeiro trimestre. Com isso, os relatórios de bancos e corretoras obtidos pelo **Valor** apontam para uma média de US\$ 7,03 bilhões de receita líquida nos três primeiros meses do ano, o que significaria uma queda de 14,3% ante os US\$ 8,2 bilhões de igual período de 2019.

As quatro casas pesquisadas pelo **Valor** - Itaú BBA, Bradesco BBI, HSBC e XP Investimentos - projetam ainda, na média, um lucro antes de juros antes de impostos, depreciações e amortizações (Ebita, na sigla em inglês) ajustado no primeiro trimestre, ficou, segundo a média obtida pelo **Valor**, em US\$ 2,97 bilhões, o que, caso se confirme, apontará para um recuo de 22,9% na comparação com igual período do ano passado.

No lucro líquido, no entanto, a média das quatro instituições, de um ganho de US\$ 733 milhões na última linha do balanço, significaria uma reversão do prejuízo de US\$ 1,64 bilhão dos três primeiros meses do ano passado.

A comparação do lucro com um ano atrás, no entanto, sofre os efeitos do rompimento da barragem da mina Córrego do Feijão, em Brumadinho (MG), ocorrido em janeiro de 2019 e com reflexos diretos no lucro da companhia no balanço dos três primeiros meses do ano passado.

No lucro líquido, as estimativas para o resultado que será divulgado amanhã variaram entre US\$ 385 milhões do Bradesco BBI e os US\$ 1,27 bilhão estimados pelo Itaú BBA, que também reportou a maior estimativa de receita líquida, de US\$ 7,2 bilhões. A menor estimativa de receita líquida foi do HSBC, com US\$ 6,74 bilhões. No Ebitda ajustado, as projeções ficaram entre os US\$ 2,88 bilhões da XP e os US\$ 3,03 bilhões do HSBC.

O menor volume de minério de ferro produzido e vendido foi apontado como a principal causa para a expectativa de resultados mais fracos no primeiro trimestre. O Itaú BBA lembrou que os dados de 2019 foram negativamente afetados por Brumadinho, mas ressalta que os volumes no primeiro trimestre de 2020 sofreram o impacto das fortes chuvas na região Sudeste do Brasil.

Entre janeiro e março, a Vale produziu 59,6 milhões de toneladas de finos de minério de ferro, queda de 18,2% frente ao primeiro trimestre de 2019. Já a produção de pelotas caiu 43,1% na mesma comparação, para 6,9 milhões de toneladas. Os dados constam do relatório de produção da companhia, que aponta ainda uma venda de 51,6 milhões de toneladas de minério de ferro e de 7,3 milhões de toneladas de pelotas, recuos de 6,8% e 40,6%, respectivamente, na comparação com os três primeiros meses do ano passado.

O HSBC afirma esperar que a queda dos volumes embarcados predomine em relação aos preços mais vantajosos na comparação com igual trimestre do ano anterior, “embora as margens do Ebitda sejam ajudadas por preços realizados maiores”. No primeiro trimestre do ano passado o preço médio de venda realizado pela Vale para os finos de minério foi de US\$ 81,1 por tonelada.

No relatório do Bradesco BBI, o analista Thiago Lofiego lembra que os dados de produção mostraram que a companhia deverá registrar “declínio relevante” nos embarques de minério de ferro devido à sazonalidade. Ele projeta ainda preço médio de venda realizado ao redor de US\$ 84 por tonelada no primeiro trimestre; aumento dos custos de caixa da mina ao porto - chamado de custo C1- de US\$ 1,5 por tonelada devido à menor diluição pelo volume mais baixo; e gastos ao redor de US\$ 140 milhões ligados a Brumadinho.

VEÍCULO: Valor Econômico

Data: 28/04/2020

Seção: Empresas

Autor:

Título: Curtas

Lucro da Neoenergia

O grupo Neoenergia apurou lucro líquido de R\$ 577 milhões no primeiro trimestre de 2020. O resultado é 17,3% superior ao registrado em igual período do ano passado. Na mesma comparação, a receita líquida recuou 2,6%, para R\$ 6,92 bilhões, enquanto o lucro antes de juros, impostos, depreciação e

amortização (Ebitda, na sigla em inglês) avançou 14,1%, totalizando R\$ 1,53 bilhão.

Usiminas é rebaixada

A Moody's rebaixou a perspectiva dos ratings da Usiminas de estável para negativo. Ela afirmou a nota em escala global em "Ba3" e o rating em escala nacional em "A2.br". A decisão foi tomada para refletir as expectativas da Moody's de que as métricas de crédito da companhia irão se deteriorar significativamente em 2020, como consequência da queda na demanda de aço no Brasil por conta da covid-19.

VEÍCULO: Valor Econômico

Data: 28/04/2020

Seção: Empresas

Autor: Juliana Schincariol — Do Rio

Título: B3 defende direito a voto de acionistas do Nível 2

Bolsa não cita o caso, mas comunicado acontece dias após a controladora da AES Tietê ter dito que não reconheceria eventual incorporação pela Eneva

A B3 afirmou ontem que todos os acionistas, sejam ordinários ou preferenciais, de companhias listadas no Nível 2 de governança corporativa têm direito a voto em assembleia para deliberar sobre questões societárias. O comunicado ocorre dias depois que a AES Corp, controladora da AES Tietê, ter dito que não reconheceria uma eventual incorporação pela Eneva, mesmo que fosse aprovada em assembleia por maioria absoluta. A bolsa não citou o caso concreto.

"Desta maneira, por exemplo, em operações de transformação, incorporação, fusão ou cisão deve ser assegurado direito de voto pleno aos titulares de ações preferenciais", informou a B3.

No comunicado, a bolsa lembrou que o Nível 2 é o "último degrau" antes do Novo Mercado e concedeu direito de voto em algumas matérias relevantes aos detentores de ações preferenciais. "Desta maneira, por exemplo, em operações de transformação, incorporação, fusão ou cisão deve ser assegurado direito de voto pleno aos titulares de ações preferenciais", diz a nota divulgada pela B3.

A Associação dos Investidores no Mercado de Capitais (Amec) lembra que o próprio regulamento da B3 prevê a corte arbitral para solução de conflitos e esse mecanismo deve ser privilegiado. "A mudança de regras durante eventual evento societário não é uma melhor prática e dá margem a questionamentos sobre as reais intenções das partes", disse o presidente da entidade, Fábio Coelho. Na visão dele, se a validade das regras é questionada em situações de

conflito, investidores passam a precificar o risco de expropriação de valor nas empresas.

A ex-presidente da Comissão de Valores Mobiliários (CVM) Maria Helena Santana afirma que “se recusar a cumprir uma regra na qual a empresa voluntariamente aderiu tem um significado muito ruim e negativo”. “Se a empresa tiver sucesso na estratégia dela de não cumprir uma regra a que aderiu é uma insegurança jurídica que se planta no meio do nosso regime”, diz.

VEÍCULO: Valor Econômico

Data: 28/04/2020

Seção: Agronegócios

Autor: Camila Souza Ramos — De São Paulo

Título: Usinas devem ter crédito para estocar etanol

Passadas duas semanas após o segmento sucroalcooleiro formalizar ao governo federal o pedido de três medidas de socorro às usinas, a iniciativa com mais chances de se concretizar é a criação de uma linha de financiamento para estocar etanol. Já as demandas que preveem mudanças em tributos encontram resistência no Ministério da Economia, conforme apurou o **Valor**.

De qualquer forma, a criação da linha de crédito é considerada muito importante pelas empresas da área. Em “live” promovida ontem pelo **Valor**, Luis Henrique Guimarães, presidente da Cosan - que em parceria com a Shell controla a Raízen, que atua no segmento na distribuição de combustíveis e é também a maior empresa sucroalcooleira do país -, afirmou que a medida poderá equilibrar melhor o mercado ante a atual forte retração da demanda.

Para o executivo, deslocar 6 bilhões de litros de etanol para serem vendidos posteriormente, a preços melhores, “já equilibra o mercado neste início de safra”. As conversas para a construção dessa linha já chegaram no BNDES e no Banco do Brasil, e a ideia é também envolver bancos privados nas operações.

Dentre os bancos privados, já houve contatos com o Bradesco, apurou o **Valor**. Até o momento, porém, a possibilidade de participação da concessão de crédito para financiar estoques de etanol ainda não foi apresentada à maior parte das instituições privadas que atende o segmento, segundo fontes.

No BNDES, o pedido das usinas entra em uma fila de reivindicações setoriais que tem na frente outros setores da economia mais afetados que o sucroalcooleiro, como aviação e automotivo, este um dos que mais empregam

no país. Mas o segmento sucroalcooleiro está com endividamento elevado e quase 100 usinas em recuperação judicial.

Uma fonte afirmou que muitas empresas de açúcar e etanol já correram em abril para garantir operações de crédito para financiar estocagem de biocombustível e ter capital de giro, o que colaborou para desembolsos recorde ao agronegócio em ao menos um dos bancos. Em outros dois bancos, porém, a demanda tem sido prioritariamente para o alongamento de financiamentos já existentes, com pouco crédito novo sendo liberado.

Entre fontes do mercado, a percepção é que essa nova linha para estocagem só terá efeito se de fato chegar às usinas em maior dificuldade financeira, que são justamente as que tendem a vender com pressa para gerar caixa, distorcendo os preços enquanto outra parte das empresas, mais capitalizada, consegue segurar as vendas. O problema é que é esse grupo de usinas em dificuldade tem sido barrado nas análises de crédito dos bancos.

Outro receio é com a demora das operações. Na última vez em que uma linha com esse propósito esteve disponível no BNDES, a concessão efetiva dos recursos demorou até seis meses para chegar ao tomador, um prazo que, agora, esvaziaria o objetivo de enxugar a oferta imediata, segundo uma fonte.

Já as mudanças na área tributária pedidas pelo segmento para garantir a competitividade do etanol ante a gasolina não têm encontrado eco no Ministério da Economia.

Embora uma postergação do pagamento de PIS e Cofins sobre o etanol e um aumento da Cide sobre a gasolina contem com apoio do Ministério da Agricultura e dependam de um decreto presidencial, a Economia costuma dar o aval às medidas. E, segundo interlocutores, a Pasta não parece disposta a apoiá-las.

Ao **Valor**, o Ministério da Economia informou que “não comenta medidas em análise ou que ainda não são públicas” e que “o grupo de monitoramento da crise relacionada à covid-19 está analisando alternativas para reduzir os impactos da pandemia para o setor produtivo e para o setor público em suas diversas esferas, com o objetivo de preservar especialmente a população mais vulnerável”.

Na “Live do Valor” de ontem, o presidente da Cosan disse que o aumento da Cide sobre a gasolina seria uma medida “temporária” para preservar a

competitividade do etanol, “dado o atraso no RenovaBio” - política que incentiva os biocombustíveis por suas vantagens ambientais.

O sistema da B3 de registro de negociações de Créditos de Descarbonização (CBios) - que poderão compensar o efeito da queda da gasolina nas vendas de etanol - começou a operar ontem. Mas as metas de compras de CBios (criados no âmbito do RenovaBio) pelas distribuidoras serão revisadas e submetidas à consulta pública, confirmou na semana passada **o Ministério de Minas e Energia (MME)**. (Colaborou Rafael Walendorff, de Brasília)

VEÍCULO: Valor Econômico

Data: 28/04/2020

Seção: Finanças

Autor: Ana Carolina Neira — De São Paulo

Título: Vale se mostra mais resiliente entre papéis ligados a minério de ferro

Desde a derrocada da bolsa no mês de março até agora, parte do mercado tem evitado as ações ligadas a commodities por causa da forte volatilidade das cotações do petróleo e do minério de ferro. Além disso, pesa a baixa previsibilidade dos efeitos para a economia global da pandemia. Mas a Vale tem se destacado até aqui quando comparada a seus pares.

No ano, enquanto o Ibovespa acumula desvalorização de 32,35%, considerando o fechamento de ontem, Vale ON registrou perdas de 16,83%. Já CSN ON perdeu 48,9%, Gerdau PN teve queda de 43,40%, Gerdau Metalúrgica PN recuou 45,55% e Usiminas caiu 54,05%. Para gestores, de fato é arriscado investir em ações ligadas a um cenário global tão desafiador, mas a Vale, após um 2019 já bastante complicado por causa do desastre em Brumadinho (MG), destaca-se pelos fundamentos e há razão para tal resiliência ante os demais ativos.

“Desde março aumentamos a posição em Vale, após passar um tempo sem o papel na carteira. É uma empresa diretamente exposta aos estímulos econômicos promovidos na China, exposta também ao câmbio e tende a continuar com bons resultados”, afirma uma gestora, que prefere não ser identificada.

De fato, os números são positivos para a mineradora. Do início da crise do coronavírus até agora, a cotação do minério de ferro passou de US\$ 90 para aproximadamente US\$ 85 por tonelada, comportamento muito diferente do que é visto no petróleo, que chegou a atingir cotação negativa na segunda-feira (20).

Além disso, gestores também apontam que a posição de caixa é extremamente favorável para a Vale, que fez um grande trabalho de gestão após o episódio de Brumadinho e hoje colhe os frutos. Enquanto isso, a CSN permanece com uma alavancagem alta, o que reduz sua atratividade.

Outro fator citado pelo mercado como positivo para a Vale é o fato de que seu maior cliente é a China, que já vem demonstrando aumento de demanda conforme sua economia se recupera da pandemia de covid-19. Segundo a publicação especializada “Fastmarkets MB”, o preço do produto de maior qualidade proveniente do Brasil - finos de minério com teor de 65% - avançava na semana passada indicando que as siderúrgicas ampliaram a demanda.

Quem também aproveitou o momento para aumentar a alocação em Vale de 12% para os atuais 16% foi Igor Lima, gestor da Galt Capital. Para ele, enquanto diversos ativos não oferecem muita previsibilidade diante dos efeitos da crise, a Vale, além de ter apoio na relativa estabilidade na cotação do minério de ferro, é capaz de demonstrar fundamentos que garantiriam balanços mais positivos nos próximos meses.

“A Vale pegou a crise em uma situação muito melhor, com uma dívida muito baixa, produção eficiente, caixa quase líquido e custo de produção mais baixo. E o preço do minério se mostra resiliente, enquanto a demanda na China permanece até que forte. É uma combinação boa”, diz.

Para ele, outro fator importante é a valorização do dólar, que acumula ganhos de 41,11% no ano e renova as máximas históricas, criando um ambiente muito favorável para empresas exportadoras, o que explica parte do avanço dos papéis da Vale nos últimos dias.

VEÍCULO: Valor Econômico

Data: 28/04/2020

Seção: Suplementos

Autor: Roberto Rockmann — Para o Valor, de São Paulo

Título: Distribuidoras de energia reforçam interação digital

O confinamento social nas principais cidades brasileiras levou ao fechamento das agências de atendimento físicas das distribuidoras de energia elétrica, o que tem aumentado a interação dos consumidores com meios eletrônicos. Com concessões em São Paulo, Ceará, Rio de Janeiro e Goiás e cerca de 15% dos clientes de distribuição do país, a Enel está intensificando os investimentos para minimizar possíveis dificuldades de interação, implementando com rapidez novos serviços e criando novos canais de atendimento, como por meio do aplicativo WhatsApp. “Também estamos fazendo uma campanha de divulgação

massiva para levar a informação de forma clara para os nossos clientes”, diz Márcia Sandra Roque, diretora de mercado da Enel Brasil.

A quarentena já tem reflexos no comportamento dos clientes. “Os atendimentos pelo aplicativo da Enel, que em 2019 representavam 15% dos atendimentos da empresa, em abril de 2020 já representam 38%. Conseguimos incrementar a quantidade de downloads do aplicativo de uma média diária de 5.893 downloads em janeiro de 2020 para uma média diária de 17.590 em abril de 2020, um aumento de quase 200%”, destaca a executiva.

Os consumidores podem baixar gratuitamente os aplicativos de celular da distribuidora ou ter acesso, pelo site, a serviços, como cadastro de conta em débito automático e conta por e-mail, ingressar em autoleitura, além de pedir segunda via da conta, consultar débitos ou relatar falta de energia.

A segurança digital também tem sido reforçada com os funcionários trabalhando de suas casas. Há mais de dois anos, a empresa adotou uma política de permitir um dia por semana de trabalho remoto para cerca de três mil colaboradores, fornecendo todas as ferramentas de colaboração necessárias. As soluções de segurança digital em vigor, com recursos completos de proteção e detecção ativa, já foram projetadas para proteger os dispositivos da empresa também quando usados fora do ambiente corporativo.

Com o cenário de pandemia, o trabalho remoto foi estendido a 36 mil funcionários. A companhia informa que vem reforçando dicas e boas práticas relacionadas à cibersegurança a todos os funcionários utilizando canais especiais de comunicação.

Nos últimos três anos, a CPFL Energia investiu mais de R\$ 20 milhões em atendimento ao cliente, com objetivo de aumentar as facilidades dos serviços. Também tem estimulado os clientes a utilizarem os canais digitais para os mais de 30 serviços disponíveis. “Isso nos permitiu chegar num nível em que 80% dos serviços solicitados já são feitos por canais digitais, principalmente no site e no nosso aplicativo”, afirma Rafael Lazzaretti, diretor comercial da companhia. Em 2020, a CPFL continuará incentivando a intensificação desses canais e investirá mais de R\$ 15 milhões nesse tipo de melhoria, além de reforçar a comunicação de seus canais digitais. “A pandemia da covid-19 com certeza intensifica os esforços da empresa.”

Com o fechamento temporário das agências dos grandes centros visando a segurança dos colaboradores e clientes, a CPFL identificou uma redução drástica nas transações realizadas em meio presencial, que se mantiveram apenas em transações de parceiros em pequenos comércios como de materiais de

construção. “Já notamos um aumento de aproximadamente 8% no acesso às opções digitais oferecidas pela empresa”, diz o executivo.

Ele ressalta que foi identificada oportunidade para aumentar o cadastro de contas digitais, sendo que atualmente três milhões de clientes da empresa já recebem suas faturas por e-mail ou SMS. Novas formas de pagamento e parcelamento de contas também foram implementadas, incluindo cartão de crédito na internet e cartão de débito por meio de agentes de cobrança que se deslocam até a residência do cliente. A segurança digital tem sido reforçada. Ao longo de 2019, foi realizado um projeto específico para o tema, com envolvimento de vários colaboradores e apoio de consultorias especializadas. Nos últimos meses, foram investidos mais de R\$ 5 milhões em segurança da informação e reforçado o time de especialistas.

Paulo Antunes, gerente de aplicações da Siemens no Brasil, diz que aumentou muito o interesse das empresas em relação ao tema da segurança digital, principalmente em relação ao acesso remoto seguro. No entanto, percebeu-se que muitas dessas empresas atuaram rapidamente com soluções junto aos times internos de TI para garantir acessos remotos aos colaboradores. Principalmente porque precisaram reagir num espaço curto de tempo. “Por isso, acabaram por não contratar soluções no mercado. Estamos projetando que, após esse momento mais crítico de pandemia, as empresas devem fazer investimentos em soluções mais robustas para permitir a operação de sistemas de energia por meio de acesso remoto seguro”, afirma Antunes.

VEÍCULO: O Estado de S. Paulo

Data: 28/04/2020

Seção: Espaço Aberto

Autor: Rubens Barbosa

Título: Urânio, terras raras e radioisótopos

Um ano atrás, em seu discurso de posse, **o ministro de Minas e Energia, almirante Bento Albuquerque**, que tão bem conhece o setor nuclear brasileiro, disse que o atual governo pretende “estabelecer um diálogo objetivo, desarmado e pragmático com a sociedade e com o mercado sobre o programa nuclear, fonte estratégica da matriz energética brasileira.

O Brasil não pode se entregar ao preconceito e à desinformação desperdiçando duas vantagens competitivas raras que temos no cenário internacional – o domínio da tecnologia e do ciclo do combustível nuclear e a existência de grandes reservas de urânio em nosso território”. No pós-pandemia, a redução das vulnerabilidades nacionais vai ser um dos desafios para o governo. Levando em conta as novas circunstâncias globais e a necessidade de o Brasil ter

capacidade de assegurar suprimento de suas necessidades essenciais com base na produção local, além da manutenção da política que permita o monitoramento de materiais nucleares, torna-se urgente que sua exploração e comercialização sejam privatizadas.

Dada as características estratégicas da utilização desses minérios, seria importante associar o setor privado aos trabalhos da empresa Indústrias Nucleares do Brasil (INB), estatal responsável pela política de lavra e comercialização do urânio e das terras raras. As restrições orçamentárias, agravadas pelo esforço de reconstrução do País, certamente vão continuar a afetar a capacidade de investimento da empresa estatal. A perspectiva de aumento da produção deles será facilitada pela eventual parceria com o setor privado na exploração mineral.

A solução dessa dificuldade vem sendo buscada e uma das possibilidades é a formação de consórcio entre a INB e empresas privadas. Existe uma série de situações intermediárias em que a venda do urânio secundário extraído pela INB poderia ser lucrativa tanto para o minerador como para a estatal. A solução deste impasse não precisaria passar pela revogação do monopólio, mas provavelmente necessite de alteração na legislação. A recessão global pós-covid-19 pode abrir uma janela de oportunidades. A retomada da economia global e o gradual retorno do mercado externo representarão incentivos para o investimento privado.

O Brasil possui a segunda maior reserva global de terras raras, considerado mineral estratégico, e a sexta maior de urânio, embora ainda o importemos para o abastecimento das duas usinas nucleares em funcionamento. Além desse minério, a demanda global por terras raras para diversificar as fontes de seu suprimento coloca o Brasil em posição privilegiada não só para atrair novas tecnologias, como também para participar de um promissor mercado externo para o urânio enriquecido. O interesse externo pelas reservas brasileiras é grande. Impõe-se a aprovação de regras claras de longo prazo que defendam o interesse nacional e possam atrair investimento para a exploração dessa riqueza.

Outro setor que merece idêntico interesse é o de utilização da tecnologia nuclear na saúde – a especialidade denominada medicina nuclear, responsável por milhares de diagnósticos que mudam a perspectiva e a conduta clínica de pacientes oncológicos, cardiológicos e mesmo neurológicos, e que recentemente começou a dar importante contribuição ao tratamento de pacientes oncológicos, com soluções mais adequadas para os casos de metástase do câncer de próstata, por exemplo.

A produção e a comercialização de uma série de radioisótopos essenciais à medicina nuclear continuam sob o monopólio da União e sob dois órgãos, o Ipen e o IEN, autorizados a produzir para uso médico todos os demais radioisótopos. O ideal seria universalizar a oferta dos procedimentos da medicina nuclear, de forma a permitir que agentes privados produzam e comercializem os radioisótopos de uso médico, com o controle da CNEN. O Congresso deveria examinar com urgência a flexibilização do monopólio para a produção de radiofármacos.

A Constituição prevê, no artigo 21, XXIII, b), a autorização para a comercialização e utilização de radioisótopos para pesquisa e usos médicos, agrícolas e industriais. A produção e o desenvolvimento de radiofármacos no Brasil está longe de atender adequada e rapidamente à medicina nuclear, com prejuízo da população, seja na distribuição, seja na oferta de novos produtos.

A flexibilização do monopólio, entre outras vantagens e benefícios, favorece maior desenvolvimento de novos radiofármacos, resolve o conflito de atribuições da CNEN, que vem historicamente questionando a produção x fiscalização, e permite a participação de empresa internacional como supridora regular do ⁹⁹Mo e outros radiofármacos. O Brasil pode se transformar em fornecedor importante desses insumos médicos no mercado global.

O governo brasileiro constituiu o Comitê de Desenvolvimento do Programa Nuclear Brasileiro, que, entre outras funções, deve analisar a conveniência de flexibilizar o monopólio da União na pesquisa e na lavra de minérios nucleares, coordenado pelo Ministério de Minas e Energia, e ainda na produção de radiofármacos, sob coordenação do Ministério da Ciência e Tecnologia, conforme previsto na PEC 517/2010.

VEÍCULO: O Globo

Data: 28/04/2020

Seção: Colunas

Autor: Ancelmo Gois

Título: 41%

Quando o assunto é tombo grande, só se fala em petróleo. Mas, acredite, a indústria siderúrgica brasileira —uma das maiores e mais modernas do mundo —opera com capacidade instalada de miúdos 41%.

E mais...

O “abafamento” de dois altos-fornos da Usiminas é sintoma da gravidade, e bota gravidade nisso, da crise. O forno é feito para só apagar quando acabar a vida útil.

MME / ASCOM .